

A circulação de ideias (e confraternizações) nos colóquios Brasil-Argentina (2007-2013)¹

Doris Fagundes Haussen (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre/RS)²

Gustavo Cimadevilla (Universidade Nacional de Río Cuarto – Río Cuarto /Córdoba, Argentina)³

Resumo

Criado em 2007, o Colóquio Brasil-Argentina já teve cinco versões, sendo coordenado, até 2013, por estes autores. O artigo propõe-se, assim, a resgatar os temas apresentados e os seus autores buscando registrar como se deu essa circulação de ideias e convívios nas primeiras quatro versões do Colóquio. Parte-se do princípio que a INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e a FADECCOS (Federação Argentina de Carreiras de Comunicação Social) têm papel fundamental na organização e motivação para o desenvolvimento do evento, assim como a atuação das coordenações é vital para a sua realização. Considera-se que o espaço conquistado é relevante para difundir as pesquisas e reflexões sobre as Ciências da Comunicação em desenvolvimento nos dois países, bem como para a aproximação entre os pesquisadores.

Palavras-chave: Comunicação; Colóquio Brasil-Argentina; Intercom; Fadeccos.

Introdução

Em 2005, durante o congresso da Intercom, os professores José Marques de Melo e Sonia Virginia Moreira propuseram a criação do Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação, a exemplo de outros colóquios binacionais promovidos pela entidade. Com este objetivo, convidaram os autores deste artigo para coordenarem o primeiro Colóquio que seria realizado em Santos, no ano seguinte. A “parceria” deu tão certo que foram promovidos quatro colóquios, de 2007 a 2013, ocorrendo a cada dois anos. O segundo colóquio ocorreu em Mendoza, o terceiro em Recife e o quarto em Río Cuarto⁴.

Desses colóquios resultaram quatro coletâneas (citadas nas referências) com os trabalhos apresentados. A organização prevê que participem dez pesquisadores de cada

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XVI Encontro de Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Prof^a Dr^a do PPG em Comunicação Social da PUCRS. Pesquisadora do CNPq. E-mail: dorisyfah@pucrs.br

³ Prof. Dr. do Departamento de Ciencias de la Comunicación, Facultad de Ciencias Humanas da UNRC. E-mail: gcimadevilla@hum.unrc.edu.ar

⁴ A partir de 2015 a coordenação, pelo Brasil, passou a ser da Prof^a Dr^a Maria José Baldessar (UFSC), e, na Argentina, a partir de 2017 será da Prof^a Dr^a Daniela Monje (CEA-UNC).

país, 20 a cada versão do evento, o que totalizou 80 participantes até 2013. Fazendo-se um levantamento, observa-se que quatro pesquisadores participaram de todos os colóquios, uma participou de três, 13 participaram de dois e os demais de um evento. Fica demonstrado, assim, um grau de aderência importante que mantém um núcleo efetivo que leva adiante a ideia da relevância do evento, além de uma circulação significativa de novos pesquisadores. Entre aqueles que mais participaram constam:

Pesquisadores	Colóquios participados
Gustavo Cimadevilla (UNRC)	4
Doris Fagundes Haussen (PUCRS)	4
Daniela Monje (CEA-UNC)	4
Mabel Grillo (UNRC)	4
Maria José Baldessar (UFSC)	3
Monica Cohendoz (FADECCOS)	2
Antônio Teixeira de Barros e Cristiane Brum Fernandes (CEFOP)	2
Claudia Regina Lahni (UFJF)	2
Daniela Ramos (USP)	2
Edgardo Carniglia (UNRC)	2
Estela Zalba (UNCUYO)	2
Vera Raddatz (UNIJUÍ)	2
Guillermo Mastrini (UBA)	2
Janara Sousa (UNB)	2
Juliano Carvalho (UNESP)	2
Maria Cristina Mata (CEA-UNC)	2
Mirta Varela (UBA)	2
Roberto Follari (UNCUYO)	2
Roxana Cabello (UNGS)	2

Fonte: elaboração própria.

Sobre a importância do Colóquio, na apresentação da primeira coletânea gerada a partir dos trabalhos apresentados em Santos, José Marques de Melo e Sonia Virginia Moreira (2007) ponderam:

À Intercom interessa manter e ampliar esses espaços de diálogo com países da América Latina. É uma forma de contribuir para o conhecimento da produção científica de países vizinhos e, também, dar a conhecer outras referências para aqueles que se dedicam à pesquisa em comunicação. Com isso, todos têm a ganhar. (MELO E MOREIRA, 2007, p.10. In: HAUSSEN, CIMADEVILLA E MORAIS (org., 2007)).

Por seu turno, César Quiroga (2015) no prefácio da quarta coletânea do Colóquio aponta que:

... quando pensamos em projetos para aprender e fazer comunicação, quer dizer, desenvolver habilidades para o reconhecimento de problemas que conformam realidades socioculturais ou para explorar e produzir desde distintas linguagens e suportes, ou ainda trabalhar em promover e restabelecer as redes vinculares, buscamos novas formas de narrar nosso mundo e incidir sobre ele. Buscamos, definitivamente, abraçar nosso projeto coletivo. (QUIROGA, 2015, p. 11-12. In: CIMADEVILLA, HAUSSEN y DEMARCHI (coord., 2015)).

A respeito da importância dessa circulação de ideias e encontros entre pesquisadores, bem como o apoio institucional para que ocorram, é interessante salientar o que observávamos na apresentação da primeira coletânea:

... vale acrescentar uma última consideração sobre a importância que tem o trabalho institucional, tanto como mecanismo necessário para promover a articulação de estudiosos, profissionais e experientes comunicadores e comunicólogos da região, como também para impulsionar as entidades que o promovem. Este trabalho institucional constitui-se em peça-chave dos esforços por conhecer, compreender melhor nossas realidades e somar aportes para consolidar o campo da disciplina e, também, para projetar os aportes a toda a comunidade acadêmica e àqueles que, por profissão, precisam atualizar, diariamente, o seu conhecimento. Este trabalho institucional é o que cria a oportunidade, oferece o marco e injeta vida aos cenários de intercâmbio e cooperação e por isto necessita de todo o apoio e adesão. (CIMADEVILLA e HAUSSEN, 2007, p. 18-19).

Conteúdos mais abordados

Ao longo dos quatro Colóquios observa-se uma rica diversidade de conteúdos abordados que se apresentam sintetizados nas próprias coletâneas resultantes dos mesmos. No primeiro encontro os temas discutidos reuniram-se em quatro eixos: o ensino e a pesquisa em Comunicação, o exercício profissional, a indústria da mídia e os cenários para a articulação acadêmica. No segundo preponderaram as concepções políticas e a conjuntura

da Comunicação, as mudanças tecnológicas, a informação e a agenda pública, as imagens sociais e midiáticas e as discussões sobre os campos da teoria e da prática na área. Já no terceiro Colóquio prevaleceram os temas sobre a pesquisa, o poder e as políticas de Comunicação, a questão do espaço público, a circulação e a recepção de conteúdos e as fronteiras da Comunicação. Por fim, no quarto Colóquio foram enfatizadas as análises sobre o conhecimento e a disciplina comunicacional, a sociedade digital, meios e tendências, as mudanças regulatórias e os territórios e conteúdos midiáticos.

Analisando-se mais especificamente a totalidade dos conteúdos dos quatro Colóquios, verifica-se uma predominância daqueles relativos à política, às políticas de comunicação e à legislação. Na sequência aparecem os conteúdos referentes às teorias da comunicação, às tecnologias, ao jornalismo, e à educação. Também se destacam os estudos sobre a pesquisa, a midiaticização e a recepção, e as fronteiras da Comunicação, além de outros menos abordados. Pode-se apontar, ainda, uma forte presença de estudos comparados sobre os dois países (25 trabalhos) e, em relação às mídias em si, o rádio aparece em primeiro lugar seguido por textos relativos à TV, ao jornal, ao cinema e às mídias digitais.

Em síntese, sobre as atividades científicas desenvolvidas nos Colóquios Brasil-Argentina pode-se dizer que se constituem em espaço relevante de apresentação de trabalhos em desenvolvimento (e concluídos) e de discussões sobre a temática da Comunicação, de interesse para os dois países, além de oportunidade de saudável convívio entre colegas brasileiros e argentinos.

Por trás da cena

Se fossemos nos questionar sobre que outros elementos resultaram significativos e, ao mesmo tempo, produtos desses encontros, cabe destacar ao menos dois. O primeiro é particularmente acadêmico e, ainda que intangível, tornou-se materialmente valioso na atividade docente de diversos colegas que participaram dos colóquios. É que consultados em diferentes momentos, todos reconheceram que estas aproximações foram muito úteis para valorizar a língua de seu coparticipante. Assim, a língua espanhola penetra mais facilmente nas aulas brasileiras e a língua portuguesa entra com mais destaque nas classes argentinas. O dado não é de significado menor, pois durante muitos anos nossas academias têm se preocupado em ressaltar como o idioma se torna uma barreira sutil e, ao mesmo

tempo, quase intransponível para que autores que publicam nos territórios vizinhos agreguem-se aos programas de estudo.

Os colóquios Brasil-Argentina, assim, têm representado uma excelente oportunidade para que os intercâmbios de trabalhos, mas, sobretudo de vinculações acadêmicas, auxiliem para que cada pesquisador leve, em sua bagagem, literatura vizinha que se converta, posteriormente, em material para sua atividade de aula ou de suas pesquisas específicas.

É sabido, neste sentido, que os esforços do Brasil por introduzir o espanhol no ensino fundamental e médio têm sido pioneiros e mais contínuos do que os promovidos na Argentina, que recém começa a expandir o seu aprendizado. Pouco mais de 20 anos após o lançamento do Mercosul, pode-se dizer que o convívio das línguas não é apenas um acessório ou uma consequência resultante do turismo, mas sobretudo uma necessidade que se torna manifesta no avanço dos protocolos de colaboração científica, nos múltiplos acordos que elaboram os setores industriais e comerciais na dinâmica que tem o mercado de trabalho, que dia-a-dia valoriza mais os profissionais que dominam o espanhol ou o português, conforme o caso, como segunda língua.

E foi nesta direção, justamente, que quando se iniciaram as publicações dos trabalhos apresentados em cada colóquio decidiu-se que cada um deveria publicar no seu idioma. Cada livro dos colóquios, portanto, constitui-se em um convite para que a leitura se pratique nas duas línguas. Com o adicional que tem, em sua apresentação, a possibilidade de encontrar-se o texto escrito nos dois idiomas. Uma condição que, para a academia, já não se coloca em dúvida, mas se torna uma exigência.

No início deste item dissemos ser possível destacar dois elementos que podem atribuir-se aos benefícios promovidos pelos encontros. O primeiro tratamos acima, o segundo não é estritamente acadêmico, mas colabora, em muito, para que cada participante descubra os modos como a cultura da região se expressa, bem como as características que cada uma das identidades carrega. Assim, no colóquio de Santos viu-se e escutou-se o samba que convida a dançar. Em Mendoza tomou-se contato com a cordilheira dos Andes e seus vinhedos, assim como em Recife com o forró contagioso e telúrico e, em Río Cuarto, com o gaúcho do centro do país e com o tango que, como expressão maior do Rio da Prata, acompanhou a abertura do evento e os dias que se seguiram. Postais que agregaram, em cada encontro, um pouco de arte e outro pouco de sentimento para que a academia não se descubra, apenas, em seus modos de ver e valorizar o mundo. Mas que justamente compreenda esse mundo no marco de suas identidades, no “aqui e agora”.

Nesta perspectiva, é interessante recorrer a Canclíni (2004, pg. 213), quando diz que “conhecer nossa alteridade reprimida (...) pode servir para liberar forças libidinais positivas e as convergências culturais que nos aproximam dos outros”. Para o autor, isto pode “tornar visíveis as semelhanças e, quem sabe, integrar-nos a despeito das discrepâncias. Talvez nos habilite para passar da exclusão à conexão, à intercomunicação. Finalmente, se as diferenças se reconhecem como construídas, é possível desfazê-las ou modificá-las. Não são fatais”⁵. Num certo sentido, é o que os colóquios têm propiciado àqueles que deles têm participado.

Encerrando ...

Por trás da cena, então, gestou-se uma multiplicidade de laços permitindo que cada colóquio desse vida e passagem ao seguinte. E não é pouco. Sabemos que esforços anteriores moveram a INTERCOM e a FADECCOS a promover encontros, como os denominados ENDICOM – Encontro de Docentes e Pesquisadores do MERCOSUL (1996-2003) ou em Porto Alegre, no Congresso Nacional da Intercom de 2004, através do I Colóquio Transfronteiras. Mas nenhum conseguiu projetar-se no tempo a modo de ter expectativas de continuidade como os que hoje se concretizam através dos colóquios binacionais.

Vale, portanto, um reconhecimento a todos que apoiaram esta iniciativa que, esperamos, siga projetando-se no tempo. A cada dois anos acende-se uma chama que ilumina um pouco mais o espaço que esta região tem, em suas semelhanças e diferenças, e o encontro de acadêmicos que buscam compreendê-las e explicá-las. Seu cultivo na circulação de ideias tem sido pródigo. E é neste caminho fecundo do conhecimento que esperamos continuar nos encontrando.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad**. Barcelona, Editorial Gedisa, 2004.

CIMADEVILLA, Gustavo; HAUSSEN, Doris Fagundes y DEMARCHI, Paola. (Coord.). **Molinos digitales. Una usina de investigación en comunicación para el diálogo Argentina-Brasil**. Río Cuarto: UniRío Editora, 2015.

⁵ Tradução do espanhol pelos autores.

CIMADEVILLA, Gustavo e HAUSSEN, Doris Fagundes. (Coord.). **La comunicación en tiempos de crisis. II Colóquio Argentina-Brasil de Ciencias de la Comunicación.** Río Cuarto, Universidad Nacional de Río Cuarto, 2010.

HAUSSEN, Doris Fagundes e CIMADEVILLA, Gustavo. (Org.). **Caminhos do campo comunicacional no Brasil e na Argentina. III Colóquio Brasil-Argentina.** São Paulo, Intercom, 2012.

HAUSSEN, Doris Fagundes; CIMADEVILLA, Gustavo e MORAIS, Osvando J. de. (Org.). **A Comunicação no mercado digital. 1º Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação.** São Paulo, Intercom, 2007.